

DANÇA

A timidez e o orgulho segundo Béjart

Fotos Divulgação



Movimento da coreografia "Le Presbytre n'A Rien Perdu de son Charme, ni Le Jardin de son Éclat", do Béjart Ballet Lausanne, dirigido pelo coreógrafo francês Maurice Béjart, que se apresenta em São Paulo no dia 8

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha

Em 1989, quando o Béjart Ballet Lausanne realizou sua última temporada no Brasil, o bailarino Gil Roman começava a se destacar.

No próximo dia 8, quando o grupo do coreógrafo francês Maurice Béjart estreiar no Teatro Municipal de São Paulo, Roman marcará presença como o principal intérprete da companhia, que sempre exibiu bailarinos excepcionais.

Para Roman, 36, nascido em Als (França), não foi fácil sair da sombra de Jorge Donn, estrela absoluta de Béjart, que morreu em 1992.

"Convivemos na companhia durante dez anos e eu o admirava muito", lembra Roman. "Observava, imitava Jorge Donn, eu o adorava e por vezes o odiava."

Depois de enfrentar uma audição de 300 candidatos, Roman ingressou em 1979 no Ballet do Sécu-

lo 20, como então se chamava o grupo de Béjart. No começo, Roman ficou em segundo plano.

Mesmo Béjart parecia uma figura inacessível para Roman. A situação se manteve até 1989, quando Roman resolveu expressar sua frustração. Disse tudo o que sentia a Béjart, que, a partir de então, passou a tratar o bailarino como seu mais próximo colaborador.

Hoje diretor-adjunto do Béjart Ballet Lausanne, Roman participa de toda a produção da companhia, além de dançar papéis principais em balés como "Le Presbytre n'A Rien Perdu de son Charme, ni Le Jardin de son Éclat" (algo como "O Presbítero não Perdeu seu Encanto, nem o Jardim, seu Brilho"), novo espetáculo de Béjart, que será apresentado no Brasil.

Misto de orgulho e timidez segundo Béjart, Roman é admirado por sua musicalidade.

"Às vezes, fico impaciente, que-

Gil Roman, primeiro bailarino do grupo de Maurice Béjart, fala sobre a criação e a relação com o mestre

rendo que Roman execute imediatamente os passos que acabo de criar. Ele se recusa e se tranca duas horas no estúdio, antes de me mostrar o que ele acha que deve ser", comenta o coreógrafo.

A seguir, trechos da entrevista de Roman à **Folha**, por telefone, de Lausanne, cidade suíça onde o

grupo está sediado.

★
Folha - Como você superou a timidez e se aproximou de Béjart?

Gil Roman - Levei muito tempo para me liberar. Sou uma pessoa introspectiva, que demora para estabelecer relação de confiança. Não há uma explicação lógica

para a empatia que mais tarde surgiu com Béjart. Hoje acho que foi tudo normal, mantínhamos um respeito à distância, mas, quando conseguimos estabelecer uma conexão profunda de trabalho, houve um verdadeiro reencontro.

Folha - Como contemporâneo, como é sua abordagem da técnica clássica, utilizada por Béjart?

Roman - A dança clássica é uma base necessária, é por meio de seu rigor e disciplina que nos desenvolvemos. No entanto, não é uma técnica fixa, pois se transforma de acordo com o espírito da época.

Compreender uma técnica a fundo significa compreender outras técnicas também. Descubro a dança moderna à medida que me aprofundo na dança clássica.

Folha - Como é sua atuação hoje no Béjart Ballet Lausanne, como bailarino e diretor-adjunto?

Roman - Além de dançar, trabalho próximo de Béjart, acompa-

nho cada criação, ajudo a dirigir a companhia e fico muito satisfeito em transmitir tudo o que aprendi aos bailarinos mais jovens.

Participar do processo criativo de Béjart me ajuda a compreender melhor a dança, e isso para mim é muito importante, pois estou me preparando para ser coreógrafo.

Folha - Além de Béjart, há coreógrafos que você admira?

Roman - Gosto de Pina Bausch, mas a maioria me aborrece.

Folha - Você é considerado um bailarino-ator. Como você desenvolve seus personagens?

Roman - Não há fórmulas mágicas. Como cada trabalho é diferente, as interpretações podem se desenvolver a partir de três possibilidades que se combinam: coreografia, música ou personagem.

Fico fascinado ao aprofundar um papel no estúdio, onde, diferentemente do palco, tudo parece mais puro, frágil e verdadeiro.

MARCIA HAYDÉE

Francês criou peças para brasileira

especial para a Folha

Coreógrafo de mais de uma geração de bailarinos, Maurice Béjart também se inspirou em estrelas de outras companhias, como a russa Maya Plisetskaya e a brasileira Marcia Haydée.

Recentemente, a francesa Sylvie Guillen ganhou um espetáculo assinado por Béjart, intitulado "Sissi, Imperatriz Anarquista".

"Béjart me revelou uma maneira nova de dançar", diz Marcia Haydée, que dançou pela primeira vez uma obra do coreógrafo após a morte de John Cranko, antigo diretor do Ballet de Stuttgart e descobridor da bailarina brasileira.

"Quando Cranko morreu, Béjart me escreveu dizendo que estava à disposição para criar balés para mim. Eu achava que não conseguiria interpretá-lo, me considerava muito dramática para seus papéis", conta Marcia, atualmente morando em Stuttgart, Alemanha.

"Estava acostumada à liberdade técnica dos balés de Cranko. Com Béjart, deparei com uma precisão de movimentos até então nova para mim. Béjart é muito exigente, necessita de linhas perfeitas e é preciso entender o que ele quer de cada movimento", diz ela.

Dançar obras de Béjart também significou a realização de outro sonho para Marcia Haydée: contracenar com Jorge Donn, um dos artistas que mais admirou.

"Tinha paixão em dançar com Donn. Ele vivia para a dança, possuía um carisma extraordinário, além de ser um homem muito bo-

nito, um Apolo em cena", lembra.

Para Marcia Haydée, Béjart criou balés como "Isadora", "Divine", inspirado em Greta Garbo, "Wien, Wien, Nur Du Allein" (Viena, Viena, Só Você). O mais recente foi "Amor Roma", com músicas de Nino Rotta, referências a Fellini e sob inspiração da atriz italiana Anna Magnani.

"Mais do que coreógrafo, Béjart é um gênio da arte teatral. Seus espetáculos nos envolvem numa plenitude cênica, que ele domina com maestria", prossegue Marcia, que pretende vir ao Brasil especialmente para assistir ao novo espetáculo do Béjart Ballet Lausanne.

Afastada dos palcos desde que abandonou a direção do Ballet de Stuttgart em julho passado, Marcia deve receber uma homenagem da companhia alemã no próximo dia 18, quando faz 60 anos.

"Espero que esta festa não atrapalhe meu reencontro com Béjart no Brasil", ela afirma, completando: "A juventude continua seguindo Béjart", diz.

Criando a partir da integração que estabelece com seus bailarinos, Béjart sempre assumiu a importância do intérprete.

"No momento da criação, a obra pertence ao coreógrafo e ao bailarino. Se um poeta escreve sozinho, um balé se faz a dois. Sem bailarino diante de mim posso divagar, sonhar ou 'matematizar', nunca trabalhar", escreveu Béjart no primeiro volume de sua autobiografia, que, não por acaso, se intitula "Um Instante na Vida do Outro". (AFP)



GIL ROMAN O primeiro bailarino do Béjart Ballet Lausanne dança "Le Presbytre n'A Rien Perdu de son Charme, ni Le Jardin de son Éclat", coreografia de Maurice Béjart que será apresentada no Brasil

COREOGRAFIA

Obra tem Versace e Freddie Mercury

especial para a Folha

Na temporada que realizará no Brasil, o Béjart Ballet Lausanne apresentará dois programas.

O primeiro reunirá os balés "Barroco Bel Canto", uma estréia mundial ao som de compositores barrocos como Haendel e Vivaldi, "O Mandarin Maravilhoso", obra de 1992 sobre a música homônima de Béla Bartók, e "Mallarmé 3", de 1974, sobre composição de Pierre Boulez.

No Municipal de São Paulo, este será o programa dos dias 8 e 9 de abril, às 20h30. Nos dias 10 e 12, às 20h30, e no dia 13, às 17h, o elenco de Béjart dança "Le Presbytre n'A Rien Perdu de son Charme, ni Le Jardin de son Éclat", que estreou em janeiro em Paris.

Este enorme título nada tem a ver com o tema do espetáculo, que homenageia Jorge Donn e o cantor pop Freddie Mercury, ambos mortos aos 45 anos, de Aids.

Segundo Béjart, o título de "Le Presbytre...", retirado do romance "O Mistério do Quarto Amarelo", de Gaston Leroux, foi escolhido pela sugestão surrealista.

Embora fale das pessoas que morrem jovens, "Le Presbytre..." procura transmitir otimismo e esperança. Ao som de músicas do grupo Queen (liderado por Mercury), além de um excerto de "Così Fan Tutte", de Mozart, o tema deste balé encontra sua síntese no momento em que o bailarino Gil Roman pergunta: "Vocês nos disseram: 'Façam amor, não a guerra'. Nós fizemos amor, por que

agora o amor nos faz a guerra?".

"Le Presbytre..." assinala um momento novo na carreira de Béjart. Depois de um mergulho no inferno com a morte de Jorge Donn, Béjart renasce com um elenco renovado e sua recontração até o ano 2000 pela cidade de Lausanne, que patrocina sua companhia desde 87.

Obviamente, "Le Presbytre..." não se compara a obras-primas como "Sagração da Primavera", "Bolero" e "Pássaro de Fogo", que marcaram o auge de Béjart.

Contudo, a sinceridade que envolve o tema, somada a detalhes como o requinte cênico garantido pelos figurinos de Gianni Versace, vem novamente rendendo a Béjart os elogios da crítica européia, que no início dos anos 90 demolia obras como "La Mort Subite".

Em "Le Presbytre..." Béjart retoma sua colaboração com Versace, que há 16 anos trabalha com o coreógrafo. Ao solicitar ao estilista francês a predominância do branco nas roupas, Béjart procurou unir rigor e extravagância.

"Mais de cem butiques do mundo inteiro exibem o nome de Versace hoje em dia. Mas isto não me interessa e me pergunto se é o que mais interessa a ele. Desde que começamos a trabalhar, Versace tem as angústias e as minúcias de um iniciante", diz Béjart.

Depois de São Paulo, o Béjart Ballet Lausanne segue para Curitiba (Teatro Guaíra, dia 15), Rio de Janeiro (Teatro Municipal, de 17 a 20) e Belo Horizonte (Minas Centro, de 24 a 26). (AFP)